

O jogo steiniano de detetive

INÊS CARDOSO MARTINS MOREIRA
UNIRIO

■ 374

Inês Cardoso Martins Moreira possui graduação em Artes Cênicas – Teoria do Teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2000) e doutorado em Teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (2007). Desenvolveu a pesquisa *Algum um é alguma coisa: construção e desconstrução de identidades em Gertrude Stein* com bolsa de Pós-Doutorado Recém-Doutor (FAPERJ), na Escola de Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente é Professora Adjunta da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

As duas peças de Gertrude Stein escolhidas para publicação em *OuvirOUver* fazem parte de um conjunto mais amplo de traduções de textos steinianos, exercício ao qual venho me dedicando desde o início de minhas pesquisas voltadas para a sua obra dramática e que resultaram em tese de doutorado defendida em 2007 e em recente pesquisa de pós-doutoramento financiada pela FAPERJ e finalizada em 2010.

A escolha destes dois textos está intimamente relacionada às minhas investigações mais recentes quanto ao estatuto do personagem na cena moderna e contemporânea e quanto às reflexões de Stein sobre identidade e personagem, expostas com agudeza peculiar nos dois exemplos dramáticos selecionados.

“Qualquer coisa é uma história de detetive se puder ser descoberta e pode qualquer coisa ser descoberta.//Sim”.¹: é o que diz Stein em seu livro *The geographical history of America*, de 1936. E tanto “Uma peça” quanto “Três irmãs que não são irmãs” são, de certo modo, histórias de detetive.

Em “Três irmãs”, trata-se de “descobrir” as identidades dos personagens. Identidades que, no entanto, não se fixam, de modo que o esforço detetivesco não pode, de fato, se concluir. Na peça, escrita em 1943, há uma desconstrução e um desmonte contínuos destas identidades. Uma problematização que se apresenta desde o título da peça, no qual a relação de parentesco entre as personagens é afirmada para ser, logo em seguida, negada. Há uma primeira parte, na qual os caracteres se apresentam, e há um empenho de definição de identidades, processo desconstruído em seguida, quando se instaura um “jogo de assassinato”, e todos passam a cumprir papéis de vítimas, assassinos, detetives, testemunhas. Um jogo identitário que não se acha totalmente definido ou identificado com este ou aquele personagem, uma vez que, até o final, não se sabe, nem mesmo o próprio assassino, quem mata e quem é a vítima.

Além de assumirem as funções actanciais características das histórias policiais, há outro desdobramento de papéis que se dá por meio de disfarces: Samuel surge, na primeira cena do ato 2, “vestido como um policial” para, em seguida, revelar ser ele o assassino, mesmo estando, nesse momento, diante de Jenny, a assassina confessa. O policial, que supostamente deveria exercer função investigativa, apresenta-se como uma figura ameaçadora a ponto de inspirar a imediata confissão por parte de Jenny de crimes que ela nem mesmo sabe se cometeu. A revelação de Samuel, vestido de policial, de que ele é o assassino, propõe uma inversão ou uma confusão de funções: o policial é o assassino, e não aquele que irá descobrir o assassino. O que ironicamente, no entanto, facilita extraordinariamente o trabalho do policial, pois sua função já estaria cumprida de saída. Quem ele busca é ele mesmo, nesse caso.

O mesmo Samuel introduziria outra camuflagem no início do ato 3, surgindo agora como um apache, novo disfarce com o qual pretendia cometer mais alguns assassinatos. Os personagens já mortos, no entanto, ressurgem nesse momento, como vozes em off, acusando não a ele, mas a Jenny de ser a assassina. E ela, que seria a provável vítima de Samuel, identifica-se com o papel de assassina e o assume, disposta a matá-lo, o que acaba fazendo sem querer, para, em seguida, matar-se, já que não teria sentido “viver sozinha sem ninguém para matar.”

¹ STEIN, Gertrude. *The geographical history of America or The relation of human nature to the human mind*. In: STEIN, Gertrude. **Gertrude Stein Writings: 1932-1946**. New York: The Library of America, 1998. p. 410.

No âmbito do jogo de assassinato estabelecido pelos personagens, Jenny e Samuel apresentam facetas variadas conforme vão assumindo diferentes papéis. Samuel é um policial, mas também um assassino, e depois um apache, que é também assassino, e, ao final, acumularia as funções de vítima e detetive (já que, assassinado por Jenny, ainda tem tempo de verificar e lamentar o fato de ser ela afinal a assassina e não ele). Jenny passa de vítima potencial a assassina confessa, e novamente a vítima potencial, para, em seguida, voltar a ser vista como assassina (apontada pelos próprios mortos acionados como testemunhas dos próprios assassinatos), e finalmente assumir o papel de suicida. Há, portanto, uma espécie de dança de papéis: as funções de assassino, vítima e detetive transitando, ao longo do jogo, entre as figuras de Samuel e Jenny.

Stein parece estar parodiando, assim, as histórias policiais clássicas, nas quais os papéis de vítima e assassino, se mais fixos, costumam, no entanto, vestir diferentes personagens ao longo das tramas, conforme as variações de indícios e dos relatos das diversas testemunhas. Para além do comentário paródico, porém, e é importante lembrar o quanto a escritora apreciava esse gênero literário, interessa observar o uso da ideia de “jogo” nessa peça.

É a instauração do jogo que permite a dança de papéis entre os personagens e que comporta também as súbitas transformações do espaço (na cena 2, uma sala decorada com sofá e cadeira; na cena 1 do ato 2, vê-se surgir inesperadamente neste mesmo ambiente, uma cama). É o jogo que autoriza os igualmente súbitos aparecimentos e desaparecimentos de corpos mortos; e que permite ainda que as vozes dos mortos sejam ouvidas em cena e que funcionem, em dado momento, como testemunhas inesperadas dos crimes.

O termo “jogo” não à toa foi escolhido por mim para traduzir o substantivo “play”, que em inglês significa tanto “jogo”, “brincadeira”, quanto “peça”. Nesse sentido, quando os personagens têm a ideia de “jogar um jogo” (em inglês “play a play”), eles também estão se propondo a “fazer uma peça”. Uma peça, segundo Stein, pode ser compreendida, então, como um jogo onde as peças, as regras, os elementos não se fixam, estão em constante movimento, como um jogo que está sempre em processo. Daí as irmãs serem “não irmãs”, os assassinos serem vítimas, os policiais serem assassinos e tudo isso ser posto em dúvida ao final de tudo, quando a confusão causada pelo jogo/peça faz com que os personagens já não saibam mais se representaram aquilo, se estavam vivos ou mortos ou mesmo se eram ou não irmãs.

Quanto ao segundo texto selecionado por mim para publicação aqui, “Uma peça”, trata-se, na verdade, de um trecho do livro *The geographical history of America or The relation of human nature to the human mind* já citado acima. Nessa obra, escrita em 1936, Stein opta por mesclar constantemente os gêneros literários. O livro começa dividido em capítulos, que não seguem ordem cronológica, depois passa a ser dividido em partes e, em seguida, Stein insere nele trechos de peças, de histórias de detetive, de autobiografias e assim por diante. Em determinado momento, a autora explicita o jogo que vem fazendo com os gêneros textuais e diz que o “livro inteiro agora será uma história de detetives sobre como escrever.” O jogo de detetive que pode ser identificado em “Três irmãs que não são irmãs” volta a aparecer, então, nesta obra e nesta pequena peça que faz parte do livro em que Stein diz estar investigando o “como escrever”.

Diferente do que acontece em “Três irmãs”, no entanto, em “Uma peça” não há qualquer traço identificável de linearidade na narrativa, nem há personagens que decidem instaurar qualquer tipo de jogo. O jogo está posto a partir do momento em que se trata de uma peça, se pensarmos em peça como sinônimo de jogo, tanto na língua inglesa quanto nas reflexões de Stein sobre o que é uma peça de teatro². E nesta peça-jogo, a questão não é tampouco a busca detetivesca para descobrir quem matou quem ou quem será o próximo a ser assassinado. Aqui os personagens (homem, mulher, cachorro, exército) já estão mortos desde o início. A investigação se volta para descobrir se a peça continua quando os personagens estão mortos. Ou ainda para descobrir se a peça continua se o cachorro não está morto; ou se o homem está morto caso o cachorro não esteja morto e a peça não continue; ou se a peça continua se ela não continua.

De todo modo, trata-se aí também de “matar” o personagem. Trata-se de investigar de que maneira é possível “continuar” se o personagem já não existe: “se a mulher está morta e o cachorro está morto e o homem está morto a peça continua.” O apagamento de identidades mencionado por Stein em sua palestra “What are master pieces and why are there so few of them”³, necessário para que haja qualquer tipo de criação, é retomado por ela nestes dois exemplos dramáticos através de uma necessidade de dissolução quase que absoluta da personagem teatral, seja por meio do assassinato, em “Três irmãs que não são irmãs”, lembrando que, ao final do jogo, todos estão de fato mortos, seja, em “Uma peça”, colocando de antemão em cena personagens já mortos.

377 ■

² Sobre as reflexões de Stein sobre peças teatrais ver: STEIN, Gertrude. “Plays” In: STEIN, Gertrude. **Writings 1932-1946**. New York: The Library of America, 1998. p. 268.

³ STEIN, Gertrude. “What are master pieces and why are there so few of them” In: STEIN, Gertrude. **Writings: 1932-1946**. New York: The Library of America, 1998. p. 355.

Uma peça*

GERTRUDE STEIN

Tradução: Inês Cardoso Martins Moreira

Começa com um homem morto e uma mulher morta e um cachorro morto mas eles não estão mortos porque a peça continua.

Se o cachorro está morto a peça continua.

Se o exército está morto a peça continua.

Se o cachorro não está morto a peça continua.

Não mesmo não com certeza não.

Peça 2

Se o cachorro não está morto e a peça não continua o homem está morto.

Sim o homem está morto.

Se o homem está morto e a peça não continua ela continua. Sim continua.

Se a mulher está morta e o cachorro está morto e o homem está morto a peça continua.

Certamente não a peça não continua.

O que isso significa.

Certamente não a peça não continua.

Isso significa que ela não continua no palco.

Certamente não não significa certamente não não no palco.

E assim não tem tempo nem identidade por favor tome cuidado para não surpreender lágrimas.

No século dezenove não se surpreendiam lágrimas vivia-se com lágrimas porque o homem e o cachorro e a mulher não estavam mortos quando qualquer coisa começou no século vinte tudo que é qualquer um está morto quando pode e estava quando começou então não há lágrimas não havia lágrimas.

* STEIN, Gertrude. "A play" In: STEIN, Gertrude. The geographical history of America or The relation of human nature to the human mind. In: STEIN, Gertrude. **Gertrude Stein Writings: 1932-1946**. New York: The Library of America, 1998. p. 477. (Tradução de Inês Cardoso Martins Moreira)

A play

GERTRUDE STEIN

It begins with a dead man a dead woman and a dead dog but they are not dead because the play goes on.

If the dog is dead does the play go on.

If the army is dead does the play go on.

If the dog is not dead does the play go on.

No indeed no certainly not.

379 ■

Play 2

If the dog is not dead and the play does not go on is the man dead.

Yes the man is dead.

If the man is dead and the play does not go on does it go on. Yes it does go on.

If the woman is dead and the dog is dead and the man is dead does the play go on.

Certainly not the play does not go on.

What does it mean.

Certainly not the play does not go on.

Does it mean it does not go on the stage.

Certainly not it does not mean certainly not not on the stage.

And so there is no time and no identity please be careful not to surprise tears.

In the nineteenth century they did not surprise tears they dwelt with tears because the man and the dog and the woman were not dead when anything began in the twentieth century everything that is any one is dead when it can and did when it began and so there are no tears were no tears.

Peça I

Agora como eles podem vir a ser agora.

Peça I

Qualquer coisinha é como ela começou.
Está mais claro que qualquer um que não há lágrimas agora.

Peça um

Tá certo peça um.

Peça dois

Tem que ser dois pra acabar.
Mas tem isso.
Isso como não tem que ser isso isso não é isso.
Facilmente é.
Mais e mais uma obra-prima é.

Peça III

Eu começo a ver vê eu começo mas não tem começo não aí não aí.

Peça IV

Você vê é para ser.
Mas tem ser e também tem ver.

Peça V

Daí então.

Peça VI

A glória de saber o que é uma obra-prima.

Peça VII

É natural que ainda uma mulher deva ser quem faz o pensamento literário dessa época.

Play I

Now how can they come to be now.

Play I

Any little thing is how it was begun.
It is clearer than any one that there are no tears now.

Play one

Alright play one.

Play two

It should be two to be through.
But there is that.
That as it has not to be that that is not that.
It easily is.
More and more a master-piece is.

381 ■

Play III

I begin to see see I begin but there is no begin not in not in.

Play IV

Do you see it is to be.
But there is be as well as see.

Play V

So then.

Play VI

The glory of knowing what a master-piece is.

Play VII

It is natural that again a woman should be one to do the literary thinking of this epoch.

Três irmãs que não são irmãs* Um melodrama

GERTRUDE STEIN

Tradução: Inês Cardoso

■ 382

Nós somos três irmãs que não são irmãs, irmãs não. Nós somos três irmãs que são órfãs.

Nós somos três irmãs que não são irmãs porque nós não tivemos a mesma mãe nem o mesmo pai, mas porque nós somos três órfãs nós três somos três irmãs que não são irmãs.

Entram dois irmãos.

Nós somos dois irmãos que são irmãos, nós temos o mesmo pai e a mesma mãe e como eles estão mais vivos do que nunca nós não somos órfãos nem por alto, nós não somos nem mesmo altos, nós não somos valentes nós não somos fortes mas nós nunca agimos sem norte, este é o tipo de irmãos que nós somos.

JENNY. E agora que todo o mundo sabe exatamente o que nós somos o que cada um de nós é, o que nós vamos fazer.

SYLVESTER. O que nós vamos fazer com isso.

JENNY. (*Impacientemente*) Não não o que nós vamos fazer com isso não há nada para fazer com isso, nós somos três irmãs que não são irmãs, e nós somos três órfãs e vocês dois não são, não há nada a fazer com isso. Não o que eu quero saber é o que nós vamos fazer agora. Agora o que nós vamos fazer.

SAMUEL. Eu tenho uma ideia uma bela ideia, uma boa ideia, vamos jogar um jogo de assassinato.

* STEIN, Gertrude. "Three sisters who are not sisters". In: STEIN, Gertrude. **Gertrude Stein Writings: 1932-1946**. New York: The Library of America, 1998. p. 705. (Tradução de Inês Cardoso Martins Moreira)

Three sisters who are not sisters A melodrama

GERTRUDE STEIN

We are three sisters who are not sisters, not sisters. We are three sisters who are orphans.

383 ■

We are three sisters who are not sisters because we have not had the some mother or the same father, but because we are all three orphans we are three sisters who are not sisters.

Enter two brothers.

We are two brothers who are brothers, we have the same father and the same mother and as they are alive and kicking we are not orphans not at all we are not even tall we are not brave we are not strong but we never do wrong, that is the kind of brothers we are.

JENNY. And now that everybody knows just what we are what each one of us is, what are we going to do

SYLVESTER. What are going to do about it.

JENNY. (*Impatiently*) no not what are we going to do about it there is nothing to do about it, we are three sisters who are not sisters, and we are three orphans and you two are not, there is nothing to do about that. No what I want to know is what are we going to do now. Now what are we going to do.

SAMUEL. I have an idea a beautiful idea, a fine idea, let us play a play and let it be a murder.

JENNY.

HELEN. Ah vamos sim.

ELLEN.

SYLVESTER. Eu não serei assassinado ou um assassino, eu não sou esse tipo de irmão.

SAMUEL. Bem ninguém diz que você é, tudo o que você tem que fazer é ser uma testemunha para o meu assassinato de alguém.

HELEN. E quem você vai assassinar.

SAMUEL. Você por exemplo. Vamos começar.

ELLEN. Ah eu estou tão contente de não ser gêmea, eu não ia gostar de ser assassinada só por que tinha uma irmã que era gêmea.

JENNY. Ah não seja tola, gêmeos não têm que ser assassinados juntos, vamos começar.

CENA 2

Uma sala levemente escurecida, um sofá, e uma cadeira e um copo d'água, as três irmãs sentadas no sofá juntas, a luz de repente vai embora.

JENNY. Olhe a cadeira.

HELEN. Qual cadeira.

JENNY. A única cadeira.

ELLEN. Eu não consigo ver a única cadeira.

JENNY. *(com um guincho)* Olhe a única cadeira.

TODAS TRÊS

JUNTAS. Não tem nenhuma cadeira lá.

SAMUEL. Não não tem nenhuma cadeira lá porque eu estou sentado nela.

SYLVESTER. E não tem nenhum ele lá porque eu estou sentado nele.

JENNY. Qual um vai assassinar qual um.

SAMUEL. Espere e veja.

De repente a luz volta não há ninguém na sala e Sylvester está no chão morto.

Cortina

ATO 2 CENA 1

A luz está acesa

Sylvester está no chão morto.

Jenny está adormecida no sofá.

Ela acorda e ela vê Sylvester no chão morto.

JENNY.

HELEN. Oh yes let's.

ELLEN.

SYLVESTER. I won't be murdered or be a murderer, I am not that kind of a brother.

SAMUEL. Well nobody says you are, all you have to do is to be a witness to my murdering somebody.

HELEN. And who are you going to murder.

SAMUEL. You for choice. Let's begin.

ELLEN. Oh I am so glad I am not a twin, I would not like to be murdered just because I had a sister who was a twin.

JENNY. Oh don't be silly, twins do not have to get murdered together, let's begin.

SCENE 2

A room slightly darkened, a couch, and a chair and a glass of water, the three sisters sitting on the couch together, the light suddenly goes out.

385 ■

JENNY. Look at the chair.

HELEN. Which chair.

JENNY. The only chair.

ELLEN. I can't see the only chair.

JENNY. *(with a shriek)* look at the only chair.

ALL THREE

TOGETHER. There is no chair there.

SAMUEL. No there is no chair there because I am sitting on it.

SYLVESTER. And there is no him there because I am sitting on him.

JENNY. Which one is going to murder which one.

SAMUEL. Wait and see.

Suddenly the light goes up there is nobody in the room and Sylvester is on the floor dead.

Curtain

ACT 2 SCENE 1

The light is on.

Sylvester is on the floor dead..

Jenny is asleep on the couch

She wakes up and she sees Sylvester on the floor dead.

Oh ele está morto Sylvester está morto alguém o assassinou, eu queria ter uma irmã uma irmã real oh é horrível ser uma órfã e ver ele morto, Samuel o matou, talvez Helen tenha matado, talvez Ellen mas deveria ser Helen a morta e onde está Helen.

Ela olha em baixo da cama e ela desata a chorar.

Lá lá está Helen e ela está morta, Sylvester matou ela e ela matou ele. Oh a polícia a polícia.

Uma batida na porta e Samuel entra vestido como um policial e Jenny não o reconhece.

JENNY. Sim Senhor Policial eu matei mesmo eles eu matei mesmo todos os dois.

SAMUEL. Aha eu sou um policial mas eu matei todos os dois e agora eu vou fazer mais alguma matança.

JENNY. *(gritando)* Ah ah.

E as luzes se apagam e depois as luzes se acendem de novo e Jenny está sozinha, não há nenhum corpo ali e nenhum policial.

JENNY. Eu matei eles mas onde estão eles, ele matou eles mas onde está ele. Uma batida na porta é melhor eu me esconder.

Ela se esconde em baixo da cama.

CENA 2

SAMUEL. *(Entra como um policial)* Aha não tem ninguém morto e eu tenho que matar alguém matar alguém morto. Onde tem alguém para que eu possa matá-lo morto.

Ele começa a caçar ao redor e ele ouve um som, e ele está prestes a olhar em baixo da cama quando Ellen entra.

ELLEN. Eu estou procurando Helen que não é minha gêmea então eu não preciso ser assassinada para agradar a ela mas eu estou procurando por ela.

Samuel o policial sai do canto onde ele tinha estado escondido.

SAMUEL. Aha você matou ela ou aha você matou ele, não faz nenhuma diferença porque agora eu vou fazer alguma matança.

ELLEN. Não eu querido gentil policial não eu.

SAMUEL. Eu não sou um policial eu sou um assassino, cuidado aqui vou eu.

As luzes se apagam. Quando elas voltam a se acender, o policial se foi e Ellen assassinada está no chão.

Jenny olha timidamente de debaixo da cama para fora e dá um guincho:

Oh he is dead Sylvester is dead somebody has murdered him, I wish I had a sister a real sister oh it is awful to be an orphan and to see him dead, Samuel killed him, perhaps Helen killed him, perhaps Ellen but it should be Helen who is dead and where is Helen.

She looks under the bed and she bursts out crying.

There there is Helen and she is dead, Sylvester killed her and she killed him. Oh the police the police.

There is a knock at the door and Samuel comes in dressed like a policeman and jenny does not know him.

JENNY. Yes Mr. Policeman I did kill them I did kill both of them.

SAMUEL. Aha. I am a policeman but I killed both of them and now I am going to do some more killing.

JENNY. (*screaming*) Ah ah.

And the lights go out and then the lights go up again and jenny is all alone, there are no corpses there and no policeman.

JENNY. I killed them but where are they he killed them but where is he there is a knock at the door I had better hide.

She hides under the bed.

SCENE 2

SAMUEL. (*as a policeman comes in*) Aha there is nobody dead and I have to kill somebody kill somebody dead. Where is somebody so that I can kill them dead.

He begins to hunt around and he hears a sound, and he is just about to look under the bed when Ellen comes in.

ELLEN. I am looking for Helen who is not my twin so I do not have to be murdered to please her but I am looking for her.

Samuel the policeman comes out of the corner where he has been hiding.

SAMUEL. Aha you killed her or aha you killed him, it does not make any difference because now I am going to do some killing.

ELLEN. Not me dear kind policeman not me.

SAMUEL. I am not a policeman I am a murderer, look out here I come.

The light goes out. When it comes on again, the policeman is gone and Ellen murdered is on the floor.

Jenny looks out timidly from under the bed and gives a shriek:

Oh mais uma e agora eu sou só uma e agora eu serei a uma assassina.

E timidamente ela se esgueira de volta para debaixo da cama.

Cortina

ATO 3

Jenny embaixo da cama. Samuel desta vez não como um policial mas como um apache entra se esgueirando.

SAMUEL. Aha eu vou matar algum um.

JENNY. *(embaixo da cama)* Ele não pode me ver não ele não pode, e de qualquer modo eu vou matá-lo primeiro, sim eu vou.

De repente a sala escurece e ouvem-se vozes.

Eu sou Sylvester e eu estou morto, ela me matou, todos pensam que foi Samuel quem me matou mas não foi não foi ela.

VOZ DE HELEN. Eu sou Helen e eu estou morta e todos pensam que foi Samuel quem me matou mas não mesmo mesmo não mesmo foi ela.

UMA TERCEIRA VOZ. Eu sou Ellen e eu estou morta, oh tão morta, tão muito muito morta, e todo o mundo pensa que foi Samuel mas não foi não foi Samuel foi ela ah sim foi ela.

A luz se acende e Jenny sozinha olha apreensivamente para dentro do quarto de debaixo da cama.

JENNY. Oh não foi Samuel quem matou eles não foi não, foi ela e quem pode ser ela, pode ela ser eu. Oh horrível horrível eu se o crime foi meu. Não pode ser mas talvez seja, (e ela se estica para cima muito alta) bem se é então eu vou acabar com ele eu vou matá-lo Samuel e então eles todos estarão mortos sim todos mortos mas eu não estarei morta não ainda.

A luz diminui e Samuel entra se esgueirando como um apache.

SAMUEL. Eles dizem que eu não os matei eles dizem que foi ela mas eu sei que fui eu e o único jeito de provar que eu matei eles todos é matando ela, ahá eu vou encontrar ela e quando eu for o único um o único um que ficou vivo eles saberão que fui eu que matei todos eles, eu Samuel o apache.

Ele começa a olhar em volta e de repente ele vê uma perna de Jenny saindo de debaixo da cama. Ele puxa a perna.

SAMUEL. Aha é ela e eu vou matar ela e então eles vão saber que eu Samuel sou o único assassino.

Ele puxa a perna dela e ela dá um temeroso chute que atinge a têmpora dele. Ele cai de costas e enquanto ele morre,

SAMUEL. Então é isso, ela é a uma que mata todos os uns, e deve ser isso

Oh another one and now I am the only one and now I will be the murdered one.

And timidly she creeps back under the bed.

Curtain

ACT 3

Jenny under the bed. Samuel this time not like a policeman but like an apache comes creeping in.

SAMUEL. Aha I am killing some one.

JENNY. (under the bed) He can't see me no he can't, and anyway I will kill him first, yes I will.

Suddenly the room darkens and voices are heard.

I am Sylvester and I am dead, she killed me, every one thinks it was Samuel who killed me but it was not it was she.

HELEN'S VOICE. I am Helen and I am dead and everybody thinks it was Samuel who killed me but not at all not not all not at all it was she.

A THIRD VOICE. I am Ellen and I am dead, oh so dead, so very very dead, and everybody thinks it was Samuel but it was not it was not Samuel it was she oh yes it was she.

The light goes up and Jenny alone looks out fearfully into the room from under the bed.

JENNY. Oh it was not Samuel who killed them it was not, it was she and who can she be, can she be me. Oh horrible horrible me if I killed all three. It cannot be but perhaps, (and she stretches up very tall) well if it is then I will finish up with him I will kill him Samuel and then they will all be dead yes all dead but I will not be dead not yet.

The light lowers and Samuel creeps in like an apache.

SAMUEL. They say I did not kill them they say it was she but I know it was me and the only way I can prove that I murdered them all is by killing her, aha I will find her I will kill her and when I am the only one the only one left alive they will know it was I that killed them all, I Samuel the apache.

He begins to look around and suddenly he sees a leg of Jenny sticking out under the bed. He pulls at it.

SAMUEL. Aha it is she and I will kill her and then they will know that I Samuel am the only murderer.

He pulls at her leg and she gives a fearful kick which hits him on the temple. He falls back and as he dies,

SAMUEL. Oh it is so, she is the one who kills every one, and that must be so

porque ela me matou, e isso foi o que eles quiseram dizer, eu matei eles cada um, mas como era para ela me matar, ela matou todos eles todos eles. E ela tem toda a glória, oh Ciel.

E ele morre.

Jenny sai se esgueirando de debaixo da cama.

JENNY. Eu matei ele matei sim e ele matou eles matou sim e agora eles estão todos mortos, nada de irmãos nada de irmãs nada de órfãos nada de nada, nada além de mim, é não tem sentido viver sozinha, sem ninguém para matar então eu vou matar a mim.

E ela vê o copo d'água.

JENNY. Aha isso é veneno.

Ela bebe e com uma convulsão ela cai morta. A luz escurece e as vozes de todos são ouvidas.

Nós estamos mortos ela nos matou, ele nos matou irmãs e irmãos órfãos e todos ele nos matou ela nos matou ela nos matou ele nos matou e nós estamos mortos, mortos mortos.

As luzes se acendem e lá estão eles todos como na primeira cena.

JENNY. Nós encenamos isso nós estamos mortos, nós somos irmãs, nós somos órfãs, nós nos sentimos esquisitos, nós estamos mortos.

SYLVESTER. Claro que nós não estamos mortos, claro que nós nunca estivemos mortos.

SAMUEL. Claro que nós estamos mortos, você não vê que estamos mortos, claro que estamos mortos.

HELEN. *(Indignadamente)* Eu não estou morta, eu sou uma órfã e uma irmã que não é irmã mas eu não estou morta.

ELLEN. Bem se ela não está morta então eu não estou morta. É muito bom muito bom mesmo não estar morta.

JENNY. Ah cala a boca todo o mundo, cala a boca, vamos todos para a cama, está na hora de ir para a cama órfãs e todos e irmãos também.

E eles vão.

Finis.

because she has killed me, and that is what they meant, I killed them each one, but as she was to kill me, she has killed all of them all of them. And she has all the glory, Oh Ciel.

And he dies.

Jenny creeps out from under the bed.

JENNY. I killed him yes I did and he killed them yes he did and now they are all dead, no brothers no sisters no orphans no nothing, nothing but me, well there is no use living alone, with nobody to kill so I will kill myself.

And she sees the glass of water.

JENNY. Aha that is poison.

She drinks it and with a convulsion she falls down dead.

The lights darken and the voices of all of them are heard.

We are dead she killed us sisters and brothers orphans and all he killed us she killed us she killed us he killed us and we are dead, dead dead.

The lights go up and there they all are as in the first scene.

JENNY. Did we act it are we dead, are we sisters, are we orphans, do we feel funny, are we dead.

SYLVESTER. Of course we are not dead, of course we never were dead.

SAMUEL. Of course we are dead, can't you see we are dead, of course we are dead.

HELEN. (*indignantly*): I am not dead, I am an orphan and a sister who is not a sister but I am not dead.

ELLEN. Well if she is not dead then I am not dead. It is very nice very nice indeed not to be dead.

JENNY. Oh shut up everybody, shut up, let's all go to bed, it is time to go to bed orphans and all and brothers too.

And they do.

Finis.